

PERCEPÇÕES DE EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO NA GESTÃO DO ENSINO SUPERIOR

Ana Marli Hoernig¹

Tatiani Prestes Soares²

Prof. Dr. Paulo Fossatti³

Profa Dra Hildegard Jung⁴

RESUMO

Este ensaio tem como temática a gestão educacional. Temos como objetivo identificar aspectos de empreendedorismo e inovação na universidade contemporânea. A partir de bibliografia disponibilizada na disciplina Gestão de Instituições de Ensino Superior: fundamentos e práticas, fez-se a revisão de literatura em uma pesquisa qualitativa básica. Utilizando os descritores: empreendedorismo e inovação no ensino superior, chegou-se aos textos que trazem percepções atuais sobre o assunto. Os resultados trazem percepções de busca e efetivação de práticas inovadoras nas instituições de ensino superior através de posturas flexíveis por parte dos diferentes atores educacionais, por meio da autonomia para as instituições, que poderão então efetivar a transversalidade e a interdisciplinaridade em seus currículos. Concluímos que há uma tendência geral nas instituições de ensino superior para a busca e efetivação da inovação e empreendedorismo, da conceituação às práticas, mas ainda há muito a se desenvolver para que a educação empreendedora se consolide.

Palavras-chave: gestão educacional, ensino superior, empreendedorismo, inovação.

RESUMEN

Este ensayo trata sobre la gestión educativa. Nuestro objetivo es identificar aspectos de emprendedurismo y innovación en las universidades contemporáneas. A partir de la bibliografía puesta a disposición en la asignatura Gestión de Instituciones de Educación Superior: fundamentos y prácticas, se realizó una revisión bibliográfica en una investigación cualitativa básica. Utilizando los descriptores: emprendedurismo y innovación en la educación

¹ . Doutoranda do PPGEduc na Universidade La Salle. (51) 34768511, anamarlih7@gmail.com, unilasalle.edu.br/canoas

² . Aluna especial do Mestrado PPGEduc na Universidade La Salle. (51) 34768511, tatianiprestes@gmail.com, unilasalle.edu.br/canoas

³ . Doutor em Educação. Professor do PPGEduc na Universidade La Salle. 34768511, paulo.fossatti@unilasalle.edu.br, unilasalle.edu.br/canoas

⁴ . Doutora em Educação. Professora do PPGEduc na Universidade La Salle. 34768511, hildegard.jung@unilasalle.edu.br, unilasalle.edu.br/canoas

superior, llegamos a textos que aportan percepciones actuales sobre el tema. Los resultados traen percepciones de búsqueda y implementación de prácticas innovadoras en las instituciones de educación superior mediante actitudes flexibles de parte de los diferentes actores educativos, a través de la autonomía de las instituciones, que luego podrían efectuar la transversalidad y interdisciplinariedad en sus planes de estudio. Concluimos que existe una tendencia generalizada en las instituciones de educación superior a buscar y implementar la innovación y el emprendedurismo, desde la conceptualización hasta las prácticas, pero queda mucho por desarrollar para que se consolide la educación emprendedora.

Palabras-clave: gestión educativa, educación superior, emprendedurismo, innovación.

ABSTRACT

This essay deals with educational management. We aim to identify aspects of entrepreneurship and innovation in contemporary universities. From the bibliography from the discipline of Management of Higher Education Institutions: Fundamentals and Practices, a literature review was carried out in a basic qualitative research. Using the descriptors: entrepreneurship and innovation in higher education, we obtained texts that bring modern perceptions on the subject. The results bring perceptions of seeking and implementing innovative practices in higher education institutions through flexible attitudes on the part of different educational actors, through autonomy for institutions, which will then be able to effect the transversality and interdisciplinarity in their curricula. We conclude that there is a general tendency in higher education institutions to seek and implement innovation and entrepreneurship, from conceptualization to practices, but there is still much to be developed in order to consolidate entrepreneurial education.

Keywords: educational management, Higher Education, entrepreneurship, innovation.

1. INTRODUÇÃO

O cenário em que se encontra o ensino superior, no Brasil e no mundo é de oscilações, de tensões, de solicitudes por mudanças que apontam para superação de paradigmas, de não aceitação do que já perdeu a validade, do que ainda está posto, mas precisa ser substituído. A globalização em que nos encontramos e vivenciamos mostra que insatisfações com modelos arcaicos que já não atendem as demandas atuais da sociedade precisam ser renovados. Para o contexto brasileiro, Santos e Almeida Filho (2008: 107) afirmam que isto deverá ocorrer “mediante uma reforma universitária que de fato implique profunda reestruturação das instituições, visando torná-las instrumentos de emancipação de sujeitos e promotoras de equidade.” Considerando esta urgência, precisamos novos olhares, um novo pensar e disposição para o novo, pois:

A universidade contemporânea cresce em número e conhecimento; também aumenta sua complexidade e a participação de seus membros, assumindo plenamente sua função intelectual, profissional e social. Tudo isso implica um crescimento da organização, da gestão e da governança e, é claro, das formas de educação. (Ganga, Quiroz & Fossatti, 2017: 564).

Acreditamos que reestruturações das instituições de ensino devem ser motivo de preocupação de todos os atores educacionais. Conforme Schwab (2016: 12), tomadores de decisões pensam de forma linear e imediata, sem rupturas e “não conseguem pensar de forma estratégica sobre as forças de ruptura e inovação que moldam nosso futuro.”

Sob essa perspectiva, as referidas instituições têm o desafio de criar estratégias de ensino e metodologias que sejam capazes de responder às demandas da sociedade contemporânea e a educação empreendedora se mostra uma importante ferramenta para o desenvolvimento de sujeitos capazes de criar e propor ações, com ideias inovadoras, com vistas a transformar a si mesmos e a sociedade onde estão inseridos. Nesse sentido, buscou-se identificar aspectos de empreendedorismo e inovação na universidade contemporânea.

2. METODOLOGIA

O presente ensaio se constitui em pesquisa básica de revisão de literatura, constituindo-se em pesquisa qualitativa. Conforme Gil (2016: 30) “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.” Pretendemos assim identificar aspectos de empreendedorismo e inovação na universidade contemporânea.

Na disciplina Gestão de Instituições de Ensino Superior: fundamentos e práticas⁵, cursada pelas alunas/coautoras deste trabalho, foi disponibilizado bibliografia, pelos professores/coautores do presente trabalho, para o estudo durante o semestre. A partir destas referências construiu-se o referencial teórico. Utilizando os descritores: empreendedorismo e inovação no ensino superior pesquisamos na plataforma EBSCO, delimitamos o idioma, português, e os últimos três anos para buscar as publicações recentes, chegou-se aos textos que utilizados que trazem abordagens sobre o assunto. Trazemos Schwab (2016) para embasar as contribuições sobre inovação e empreendedorismo.

⁵ . Universidade La Salle – Canoas/Brasil.

O trabalho está estruturado a partir da introdução e após apresentamos o percurso metodológico. Na revisão da literatura construímos o referencial teórico e trazemos para a discussão o que tem sido pesquisado sobre a temática abordada: inovação e empreendedorismo na gestão do ensino superior. Por fim, seguem-se as considerações finais e referências.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Empreendedorismo e inovação a partir das Diretrizes de Política Pública para o Ensino Superior Brasileiro

Os muitos anos de atuação no fazer educativo nos trazem uma considerável bagagem educacional. Construímos uma caminhada nos apropriando de conceitos de diferentes áreas e diferentes visões. Na diversidade e na multiplicidade se constroem convicções que podem perdurar e constituir-se em bases firmes para nortear a prática educacional. Contudo, neste trabalho não enfatizamos as certezas, sendo que podem mudar com o tempo e o aprendizado, mas trazemos inquietações. Inquietações que buscam respostas, mas buscam também harmonização, pois educadores atuam em contextos de interação com muitos atores.

Em todos os níveis de ensino, a dinamicidade se faz presente, pois isto é próprio da evolução humana. Deste modo surgem questões diversas em nossas práticas no dia a dia. Como fazer educação de qualidade? Como contemplar tamanha diversidade de interesses nas instituições? Quais práticas precisam ser abandonadas? Como fazer para otimizar as respostas às diferentes demandas? Estas e muitas outras perguntas poderiam ser citadas. Em nosso recorte de estudo, refletimos e discutimos na disciplina que deu origem a este trabalho sobre instituições de ensino superior. Os textos de estudo trazem diretrizes e orientações, mas também desacomodam. Encontramos que:

A educação superior é uma atividade complexa, que depende de envolvimento permanente de políticas, instituições, dirigentes, professores e estudantes, e não pode ser administrada como uma linha de montagem industrial que é definida pelo agente público. A autonomia universitária é essencial para que ela possa ser bem desempenhada, e é também um requisito das sociedades democráticas, que zelam pelo princípio da liberdade de ensino e de pesquisa e extensão. (Semesp, 2017: 10).

Autonomia é um conceito que se encontra estabelecido, porém não livre de contrariedades e permite muitas reflexões. As Diretrizes de Política Pública para o Ensino Superior Brasileiro

afirmam que ela é essencial, porém o próprio sistema educacional a engessa com processos burocráticos. Deste modo, instituições de ensino precisam fazer grandes esforços para instituí-la em meio a entraves instituídos. Instituir autonomia remete à flexibilidade para mudanças em meio ao cenário atual de mudanças de paradigmas em todos os setores da sociedade. Faz-se necessário, apesar de contradições entre teorias e práticas, efetivar a autonomia procurando estar atento ao que sugerem pesquisadores. Neste sentido, Almeida Filho (2008: 161) escreve que o aluno “passa cinco anos numa faculdade somente focado na sua formação de profissão, sem qualquer incentivo para explorar a diversidade e multiplicidade que deveriam ser características de uma instituição universitária.” Pode-se também considerar o que se encontra disposto nas Diretrizes de Política Pública para o Ensino Superior Brasileiro, onde lemos que:

O novo sistema deve pensar no ensino superior do futuro, não apenas pela tecnologia, mas por outras formas de compreender o conhecimento. Educação baseada em competência e em aprendizagem fora das instituições de ensino superior, trabalhando com o setor produtivo para elaboração de programas que tenham interesse para o mercado, mas de forma integrada com a formação superior. (Semesp, 2017: 11).

A referida integração do setor produtivo com a educação também é referida por Sidrat e Frikha (2018) quando mencionam que instituições empreendedoras permitem aos estudantes iniciarem um trabalho integrado na vida profissional e criando suas próprias tarefas. Sendo assim que se efetive o que consta nas Diretrizes de Política Pública para o Ensino Superior Brasileiro, onde consta que:

A necessidade de promover a inovação na educação, de acordo com as dinâmicas sociais e econômicas e com base no empreendedorismo, exige que a nova política promova e facilite a liberdade das instituições de ensino, afastando qualquer regulação burocrática que restrinja a capacidade das instituições para a experimentação, diferenciação e inovação acadêmica. (Semesp, 2017: 24).

Etzkowitz e Zhou (2017: 23) escrevem que “a universidade está adotando um formato empreendedor comum que incorpora e transcende suas missões tradicionais de educação e pesquisa.” O formato empreendedor se faz necessário, porém muitos entraves precisam ser vencidos para que isto de fato se efetive. A tradição que freia a evolução da educação está fortemente arraigada culturalmente na sociedade e faz-se necessário filtrarmos o que é fundamento para a prática educativa e o que atrasa e impede a inovação educativa. Nesta perspectiva, trazemos mais uma vez o que consta nas Diretrizes de Política Pública para o Ensino Superior Brasileiro, onde se lê que precisamos:

[...] um conceito de inovação mais amplo que envolva um novo fazer, ou fazer diferente, e que privilegie iniciativas de diagnóstico de contexto e conjuntura e ocupação de espaços na sociedade. Nessa linha, é recomendável a ampliação do diálogo com outras áreas e a formação dos alunos em múltiplos espaços disciplinares, para o atingimento de novas competências e habilidades para trabalho em equipes multidisciplinares e interação com novas tecnologias e linguagem corporativa e internacional. (Semesp, 2017: 24 - 25).

As leituras e discussões realizadas ao longo da disciplina para a qual preparamos este texto, bem como palestras proferidas por empreendedores locais na Universidade descortina o momento atual de nossa sociedade como sendo de grandes inovações tecnológicas. Para acompanhar e adequar-se a estes processos, nossas vivências do semestre apontaram para a necessidade de o empreendedorismo ser assumido com mais ousadia nas instituições de ensino. Constatamos que há descompassos entre as necessidades das empresas e a formação dos acadêmicos. Atualizações, adaptações e novas performances para os acadêmicos são exigências à universidade. Segundo as Diretrizes de Política Pública para o Ensino Superior Brasileiro novas políticas precisam incorporar formas de aprendizagem ativa que ajudam os alunos a desenvolver as competências cognitivas e socioemocionais, bem como “deve promover, também, a liberdade na incorporação de tecnologias digitais de aprendizagem e facilitar várias formas de ensino a distância.” (Semesp, 2017: 26). As diretrizes trazem com clareza como isto deve ser feito e temos que:

A nova política pública deve estimular o diálogo permanente das IES com as empresas, através de programas de incentivo à empregabilidade e de relacionamento com os egressos. Tais programas precisam ser institucionalizados para permitir a criação dos mecanismos necessários ao acompanhamento dos egressos e de sua inserção no mundo do trabalho, de forma que as instituições conheçam os efeitos da formação na empregabilidade de seus alunos. Acima de tudo, ela demanda a elaboração de projetos que integrem as instituições com os empregadores para elaboração do currículo a partir do diálogo sobre o perfil da formação, projetos de laboratórios, pesquisa e da interação por meio de projetos integrados para soluções conjuntas dos problemas do setor produtivo. (Semesp, 2017: 29).

As diretrizes acima mencionadas, nas instituições, se distribuem em setores com múltiplas equipes. De acordo com Sidrat e Frikha (2018), buscando ser empreendedora, a universidade deve passar por transformações internas. Para incentivar o espírito empreendedor, dois fatores principais devem ser considerados: o tipo de universidade e o papel do gestor e para incentivar o empreendedorismo a liderança da universidade deve ser ela mesma, empreendedora. Estes autores ressaltam que universidades requerem líderes com características pessoais específicas, em diferentes posições, de tempo integral, para completar a sua missão,

sendo que o gestor universitário é a posição chave na universidade. O gestor deve ter diversas qualidades: iniciativa, perseverança, ser voluntário, ter visão. Nesta direção, Ganga-Contreras et al. (2017: 555) afirmam que:

A gestão universitária está em processo de reafirmação e consolidação de sua própria identidade, conceituação e abrangência, uma vez que é praticamente um consenso afirmar que o futuro - o sucesso ou o fracasso das organizações - sempre dependerá, em grande parte na maneira como eles são gerenciados.

A gestão das instituições superiores procura, então, alinhar-se a novos contextos e demandas da atualidade, seus gestores não estão indiferentes às evoluções da sociedade e empresas e suas pressões para acompanharem e atenderem os processos inovacionais. Os autores anteriormente citados respondem que a necessidade e o imperativo de procurar fórmulas inovadoras para gerenciar as instituições adequadamente surgem naturalmente, sendo que a governança universitária evolui para a busca de métodos que proporcionam níveis mais elevados de eficiência e eficácia organizacional. (Ganga-Contreras et al. 2017).

Contudo, para além dos contornos acadêmicos, nossa atenção deve se voltar para os múltiplos atores da sociedade. Segundo Schwab (2016), interações e colaborações são necessárias e permitem criar narrativas positivas entre todos os indivíduos de todas as partes do mundo, possibilitando que participem e se beneficiem das transformações em curso.

3.2 Percepções de empreendedorismo e inovação: últimas tendências

O termo empreendedorismo, no dicionário online de Português, traz como significado, que consiste em:

Capacidade de projetar novos negócios ou de idealizar transformações inovadoras ou arriscadas em companhias ou empresas. Vocação, aptidão ou habilidade de desconstruir, de gerenciar e de desenvolver projetos, atividades ou negócios. Reunião dos conhecimentos e das aptidões relacionadas com essa capacidade (s.p.).

Conhecer conceituações respaldam nossa busca, pois desde definições até teorizações de maior robustez podem alicerçar o delineamento de nosso escrito. A definição do termo aponta para aspectos práticos e, assim, continuamos rastreando o que se encontra na literatura sobre a temática.

Segundo Schwab (2016), a sociedade está enfrentando, na contemporaneidade, uma revolução, denominada pelo autor como “revolução tecnológica”, que está acarretando a

transformação da humanidade e modificando o modo como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos. Essas alterações estão ocorrendo em uma velocidade exponencial e não linear, com mudanças de paradigmas da economia, dos negócios, da sociedade e dos indivíduos, e com um grande impacto sistêmico.

Somos testemunhas de mudanças profundas em todos os setores, marcadas pelo surgimento de novos modelos de negócios, pela descontinuidade dos operadores e pela reformulação da produção, do consumo, dos transportes e dos sistemas logísticos. Na sociedade, há uma mudança de paradigma em curso no modo como trabalhamos e nos comunicamos, bem como nas maneiras de nos expressarmos, nos informarmos e nos divertirmos. Igualmente, está em andamento a reformulação de governos e de nossas instituições. (Schwab, 2016: 11-12).

Segundo o autor supracitado, as principais tecnologias transformadoras que estão impulsionando a revolução tecnológica trata-se de inovações físicas, digitais e biológicas. As inovações físicas são aquelas cuja natureza é mais fácil de enxergarmos e consistem em veículos autônomos, impressões em 3D, robótica avançada e novos materiais. As inovações digitais, consideradas uma ponte entre o meio físico e digital é a internet das coisas (IoT), descrita como a relação entre as coisas (produtos, serviços, lugares, etc.) e as pessoas, que se torna possível por meio de diversas plataformas e tecnologias conectadas. As inovações biológicas, são aquelas especialmente do campo da genética, com a produção do genoma, que causarão um impacto profundo e imediato na medicina, na agricultura e na produção de biocombustíveis (Schwab, 2016).

As Instituições de Ensino Superior são consideradas como um dos locais mais importantes para o desenvolvimento de ideias inovadoras. Sob essa perspectiva, diversos autores têm apresentado o empreendedorismo nas Instituições de Ensino Superior como uma prática necessária (Arantes, Ferreira & Andrade, 2018; Almeida, Becker & Santos, 2019; Almeida, Cordeiro & Silva, 2018). De acordo com as recomendações da Unesco para a educação do Século XXI, o empreendedorismo na educação possibilita ao discente o preparo profissional que faça sentido com as exigências do mercado de trabalho atual, desenvolvendo a “capacidade de inovar, reter conhecimento, desenvolver projetos próprios e lidar com as mudanças” (Almeida et al. 2019: 126). Segundo Arantes et al., as Instituições de Ensino Superior, “devem articular não só o conhecimento técnico e teórico, mas sim formar indivíduos autônomos, capazes de relacionar com diversos atores da sociedade.” (Arantes et al. 2018: 45).

O empreendedorismo pode ser tratado a partir da abordagem comportamental ou econômica, entre outras. Na abordagem comportamental, o empreendedor apresenta ações

inovadoras voltadas ao seu cotidiano. Já na abordagem econômica, suas ações estão relacionadas à criação de novas empresas, lucratividade e diversificação de mercados. Apesar das distintas abordagens, a educação empreendedora apresenta como foco a ação empreendedora e pode ser considerada como “uma ‘ferramenta’ para o aperfeiçoamento das capacidades e habilidades de um sujeito para que esse seja capaz de começar coisas novas, projetar novos negócios, idealizar transformações inovadoras, no seu contexto, na sua realidade.” (Almeida et al. 2019: 127).

Nesse contexto, as instituições de ensino superior têm um papel importante, podendo contribuir para o crescimento social e econômico das regiões onde estão inseridas e para o desenvolvimento de um novo perfil de profissional. Sob essa perspectiva, as universidades devem visar não apenas a “simples qualificação para o mercado de trabalho, mas a formação de pessoas que possam ser propositivas, inovadoras e que pensem para além do que é possível ver e ouvir” (Almeida et al. 2019: 128).

Cabe às universidades a implantação de um currículo empreendedor em seus cursos de graduação, a partir de ações transversais e multidisciplinares, reunindo alunos de cursos diversos, que possam se complementar na criação de soluções para os desafios da sociedade em transformação (Almeida et al. 2019), bem como aproximar as práticas de sala de aula com as práticas externas de negócios. Todos os envolvidos no processo educacional são responsáveis por fomentar a educação empreendedora. Sob essa perspectiva, as referidas instituições devem assumir um papel empreendedor, tanto em relação à gestão, ao ensino, à pesquisa e à extensão, quanto diante da interação com a comunidade, da criação de incubadoras e das empresas juniores (Krüger & Minelo, 2017). Na revisão de literatura acerca do empreendedorismo e inovação no ensino superior, constatou-se que o tema empreendedorismo é ofertado em algumas disciplinas do curso de graduação em administração nas universidades de Minas Gerais (Arantes et al. 2018) e como novas práticas de aprendizagem (Schaefer & Minelo, 2017).

No cenário de transformações vividas na contemporaneidade, no qual modificaram-se o modo de nos relacionarmos e nos comunicarmos, as relações de trabalho também sofreram alterações. Entendemos que isto pode se dar conforme escreve Schwab (2016: 56) que “em um mundo onde as fronteiras estão desaparecendo e as aspirações estão mudando, as pessoas não buscam apenas o equilíbrio profissional, mas também uma integração profissional harmoniosa.”

Nas Diretrizes de Política Pública para o Ensino Superior Brasileiro registra-se uma preocupação com os estudantes que deve se dar no Currículo, desde a educação básica, sendo

que a distância entre os dois níveis de ensino deve ser vencida, com maior envolvimento e projetos que favoreçam a melhoria do ensino fundamental e médio. A proposta das Diretrizes é que haja o desenvolvimento e implementação de estratégias para o desenvolvimento profissional e propõe para esta integração que:

O diálogo deverá ter como foco a melhoria do aprendizado dos estudantes, a troca de informações estratégicas sobre os desafios entre os diferentes níveis de ensino, a melhoria da formação de professores que atuam no ensino fundamental e médio, e a elaboração de projetos que tenham impacto social.

A educação empreendedora ou formação empreendedora, ao contrário da educação tradicional, na qual o conhecimento é transmitido ao aluno, exige um novo perfil de professor e novas formas de aprendizagens, com atividades interdisciplinares que promovam a tomada de decisões sobre assuntos e/ou projetos em um currículo que influencia ou modifica a si mesmos e aos seus próximos, conforme aponta Schaefer e Minello (2017).

Em nossa breve incursão pela literatura, constata-se que todos os atores educacionais deverão estar envolvidos para promover a formação que consolide a educação empreendedora. No sentido de destacar algumas referências e ações de inovação e empreendedorismo que encontramos na revisão literária, montamos a figura 1⁶ que segue.

Percepções de inovação e empreendedorismo	Autor
Desaparecimento de fronteiras	Schwab, 2016
Inovações físicas: impressões 3D; inovações digitais: IoT e inovações biológicas: genoma	Schwab, 2016
Autonomia: criação, pelo aluno, de suas próprias tarefas	Sidrat e Frikha, 2018
Líderes/gestores com visão, iniciativa e perseverança.	Sidrat e Frikha, 2018
Projetos próprios	Almeida, Becker e Santos, 2019
Atividades interdisciplinares	Schaefer e Minello, 2017
Interação com a comunidade, da criação de incubadoras e das empresas juniores	Krüger e Minello, 2017
Interação com atores da sociedade	Arantes, Ferreira e Andrade, 2018
Ações transversais e multidisciplinares	Almeida, Becker e Santos, 2019

⁶. Quadro demonstrativo de percepções de inovação e empreendedorismo conforme autores utilizados no texto.

Figura 1. Inovação e Empreendedorismo

Fonte: elaborado pelos autores/2020.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consonante ao objetivo deste ensaio, de identificar aspectos de empreendedorismo e inovação na universidade contemporânea, procuramos trazer algumas contribuições alinhadas à literatura e ao que se discutiu na disciplina que originou este texto. Os achados da pesquisa apresentada mostram que há uma tendência geral à busca e efetivação de empreendedorismo e inovação nas instituições de ensino superior, mas ainda há muito a se desenvolver para que a educação empreendedora se consolide em tais instituições. Há muitas maneiras e caminhos para se dar esta consolidação, sendo que seguir orientações das Diretrizes de Política Pública para o Ensino Superior Brasileiro pode trazer colaborações significativas.

Os autores pesquisados apontam para contribuições passíveis e necessárias como buscar outras formas de compreender o conhecimento, desenvolver educação baseada em competências e em aprendizagem fora das instituições de ensino superior em interação com empresas e a sociedade em geral. Sugerem parcerias entre governos e instituições e que os processos de ensino e aprendizagem ocorram pela experimentação, diferenciação, revisão curricular e inovação acadêmica, construindo assim um sujeito autônomo, que esse seja capaz de começar coisas novas.

Este trabalho tem como uma limitação, própria de um ensaio, um pequeno aprofundamento. Desta maneira, é possível estender a pesquisa na literatura e pode-se continuar a busca por soluções com registros do que já está ocorrendo e que pode contribuir para mais efetiva a implementação da inovação e de práticas empreendedoras nas instituições de ensino superior.

Referências

Almeida, A. R.; Becker, T. M; Santos, B. H. (2019). Educação empreendedora e suas abordagens na educação básica. In: Fossatti, P.; Jung, H. S. *Governança na educação básica e superior ibero-americana*. Canoas: Ed. Unilasalle, p. 125-141.

Almeida, L. R. S.; Cordeiro, E. P. B.; Silva, J. A. G. (2018). Proposições acerca de ensino de empreendedorismo nas instituições Superiores brasileiras: uma revisão bibliográfica. *Revista de Ciências da Administração*, v.20, n.52, p. 109-122, dezembro.

Almeida Filho, N. (2008). Universidade Nova no Brasil. In: Santos, B. de S.; Almeida Filho, N. de (Org.). *A Universidade no Século XXI: para uma Universidade Nova*. Coimbra, p. 107-259.

Arantes, R. C.; Ferreira, A. C.; Andrade, D. M. (2018). Temáticas discutidas na disciplina de empreendedorismo nos cursos de administração: um panorama das Instituições de Ensino Superior de Minas Gerais. *Revista de Micro e Pequena Empresa*, Campo Limpo Paulista, v.12, n.3, p. 44-64.

Dicionário online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/empreendedorismo/>. Acesso em 01/12/2019.

Etzkowitz, H.; Zhou, C. (2017). Hélice Tríplice: inovação e empreendedorismo universidade-indústria-governo. *Estudos Avançados*. V. 31.

Ganga-Contreras, F.; Quiroz, J.; Fossatti, P. (2017). Análisis sincrónico de la gobernanza universitaria: una mirada teórica a los años sesenta y setenta. *Educ. Pesquisa.*, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 553-568, abr./jun.

Ganga-Contreras, F.; Quiroz, J.; Fossatti, P. (2016). Análisis sincrónico de la gobernanza universitaria: una mirada teórica a los años sesenta y setenta. *Educação e Pesquisa - Revista da Faculdade de Educação da USP*, v. Epub, p. 1-16.

GIL, A. C. (2016). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2016.

Krüger, C.; Minello, Í. F. (2017). Atitude empreendedora em discentes de graduação: entre a teoria e a prática. *Revista Alcance – Eletrônica* – v. 24, n. 2, abr./jun. p.191-205.

Schaefer, R.; Minello, Í. F. (2017). A Formação de Novos Empreendedores: natureza da aprendizagem e educação empreendedoras. *Revista da Micro e Pequena Empresa*, Campo Limpo Paulista, v.11, n.3 p. 2-20.

Schwab, K. (2016). *A quarta revolução industrial*. São Paulo: Edipro.

Semesp: Diretrizes de Política Pública para o Ensino Superior Brasileiro. (2017). *Semesp - Sindicato das Mantenedoras de Ensino Superior*. São Paulo: Convergência Comunicação Estratégica, 2017. Disponível em: <http://bit.do/eSZ6r>. Acesso em: 31/10/2019.

Sidrat, S.; Frikha, M. A. (2018). Impacto das qualidades do diretor e tipo de universidade no desenvolvimento da universidade empresarial. *Jornal of high technology management research*.